



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

RENAN BENEVIDES TCHALIKIAN

**ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: UM CAMPO POSSÍVEL PARA O
PROFESSOR DE BIOLOGIA?**

**FORTALEZA
2022**

RENAN BENEVIDES TCHALIKIAN

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: UM CAMPO POSSÍVEL PARA O PROFESSOR
DE BIOLOGIA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Ciências Biológicas do
Centro de Ciências da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau
de licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

FORTALEZA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- T243e Tchalikian, Renan Benevides.
Escola família agrícola : um campo possível para o professor de biologia? / Renan Benevides Tchalikian. –
2022.
35 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.
1. Licenciatura. 2. Ciências Biológicas. I. Título.

CDD 570

RENAN BENEVIDES TCHALIKIAN

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: UM CAMPO POSSÍVEL PARA O PROFESSOR
DE BIOLOGIA?

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Ciências Biológicas do Centro de
Ciências da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção
do grau de licenciado em Ciências
Biológicas.

Aprovada em: 10 de Junho de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Isabel Cristina Higino Santana
Universidade Federal do Ceará (UECE)

Profa. Ma. Maya Eliz Sousa Lima
Secretaria Municipal de Educação Fortaleza (SME)

A meu avô Antônio Valdo Aderaldo Benevides, que há 4 meses
me acompanha de outro plano

AGRADECIMENTOS

À AEFAJA pelo acolhimento e apoio dado para a realização desta pesquisa. Thiago, Adelita, Regina, Gracinha, e demais participantes. Viva a educação no campo e viva a luta dos que a constroem.

À Universidade Federal do Ceará, minha segunda casa durante tantos anos, a quem sempre carregarei admiração e gratidão. Viva a educação pública.

Ao Departamento de Biologia, representado por todos que cruzaram minha trajetória acadêmica: corpo docente e funcionários

Ao professor Roberto Feitosa pela orientação, paciência e compreensão. Às professoras Maya Eliz e Izabel Higino por aceitarem participar da banca, contribuindo com suas intervenções e críticas.

À minha família pelo apoio irrestrito de sempre, em todos os aspectos, permitindo-me chegar e enxergar mais longe. Aos meus amigos, tão necessários e presentes na caminhada. À minha esposa Letícia pelo amor e companheirismo.

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, propícia estação
E fecundar o chão
(Milton Nascimento/Chico Buarque)

RESUMO

Este trabalho busca sugerir caminhos possíveis de aproximação da educação do campo com a universidade, através de estudos referentes à pedagogia da alternância e à Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, localizada no município de Tabuleiro do Norte, no Ceará. A problemática da pesquisa consiste em buscar as potencialidades do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará a fim de dialogar com o ensino aplicado no campo. A metodologia utilizada foi pesquisa empírica, documental e exploratória. A partir da coleta de dados, cruzando com a análise documental, buscou-se explorar prováveis adaptações da matriz curricular e o desenvolvimento de atividades extracurriculares que permitissem maior visibilidade e experiências de ensino junto ao povo camponês. Ciente do contexto político e social presente nas comunidades rurais, a atividade do aluno de licenciatura em Ciências Biológicas deve levar em consideração as particularidades e complexidades do campo, ampliando sua formação enquanto professor e cidadão.

Palavras-chave: Pedagogia da alternância. Educação básica do campo. EFA Jaguaribana.

ABSTRACT

Cette étude cherche à suggérer des façons possibles d'aborder l'éducation rurale avec l'université, à travers des études liées à la pédagogie de l'alternance et l'Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, située dans la ville de Tabuleiro do Norte, Ceará. La problématique de l'étude est de rechercher le potentiel du cours en Sciences Biologiques de l'Université Fédérale du Ceará afin de dialoguer avec l'enseignement appliqué dans le domaine. La méthodologie utilisée était la recherche empirique, documentaire et exploratoire. A partir de la collecte de données, en croisant avec l'analyse documentaire, nous avons cherché à explorer les possibles adaptations de la matrice curriculaire et le développement d'activités parascolaires qui permettraient une plus grande visibilité et des expériences pédagogiques avec les paysans. Conscient du contexte politique et social présent dans les communautés rurales, l'activité de l'étudiant de licence en sciences biologiques doit tenir compte des particularités et des complexités du domaine, élargissant sa formation en tant qu'enseignant et citoyen.

Mots clés: Pédagogie de l'alternance. L'éducation de base à la campagne. EFA Jaguaribana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Maria em frente à Casa de Sementes.....	23
Figura 2 – EPG José Felipe da Costa Gadelha.....	24
Figura 3 – Entrada do Parque Ecológico dos Currais.....	25
Figura 4 – Visão geral da escola, em sua atual sede.....	25
Figura 5 – Sala de aula principal da escola.....	26
Figura 6 – Terreno onde será instalada a nova sede da escola.....	26
Figura 7 – Educadora Helena conversando com a família.....	30
Figura 8 – Brayan recolhendo feijão para debulha.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEFAJA - Associação Escola Família Agrícola Jaguaribana

CFR - Casas Familiares Rurais

CPT - Comissão Pastoral da Terra

EFA - Escola Família Agrícola

MFR - *Maisons Familiales Rurales*

MST - Movimento Sem Terra

PPC - Projeto Político do Curso

SEDUC - Secretaria de educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA.....	16
3 LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS.....	18
4 PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a questão da educação básica no campo continua sendo um tema pertinente quando se discute taxas de alfabetização no país, bem como acesso a infraestrutura escolar e um modelo de educação que seja consonante com a vida do estudante camponês. Pensar em desigualdade no campo, sobretudo na região nordeste, é se remeter, necessariamente, a gênese da estrutura fundiária brasileira, nascida sob a marca da grande propriedade rural e primeira grande forma de organização rural que produziu e ainda produz desigualdade até hoje: o latifúndio. Nesse contexto predominava a monocultura, a mão de obra escrava - importada do continente africano, produzindo a concentração de terra e a exclusão dos trabalhadores rurais do acesso às mínimas condições de sobrevivência. (ELIANE, Unesco)

Um elemento importante nesse processo foi a Lei de Terras, atuando na organização da propriedade privada, impedido o acesso de terras aos brancos pobres, negros e imigrantes europeus, perpetuando uma elite escravocrata no poder das propriedades. Isso se deu principalmente na região nordeste, já que na parte sul do Brasil os imigrantes que haviam desembarcados anteriormente desfrutaram da posse de lotes médios por um preço mais acessível. (ELIANE, Unesco)

Com o desenvolver do processo de industrialização, as necessidades básicas da população mais pobre foram relegadas a segundo plano pelo processo acelerado de produção basicamente voltada para consumo externo, gerando um ciclo de concentração de renda e exclusão do acesso aos bens para a maioria da população. Atualmente, somado a todos os processos citados anteriormente, tem-se a globalização, o avanço tecnológico e a financeirização da economia (ELIANE, Unesco) como fatores a somar nesse caldeirão de desigualdade que, em nosso país, afeta sobretudo a população rural da região nordeste.

Notadamente a partir da segunda metade do século XX registra-se movimentos sociais que buscam reparar desigualdades do povo camponês, onde o tema da educação frequentemente está inserido em suas bandeiras de luta. A educação para a população rural no Brasil representa uma realidade histórica variada, práticas diversas relativas à "vida no campo", e abrangendo espaços onde vivem povos indígenas, quilombolas, pesqueiros, agricultores, ribeirinhos, fazendeiros etc. (ELIANE Unesco).

No contexto em que vivem os jovens do campo, onde se faz necessário iniciar a atividade laboral de forma precoce para ajudar a família – seja na colheita, na criação

animal, ou outra atividade -, seu desempenho escolar é severamente afetado. Em muitos casos há uma defasagem no seu aprendizado, desestimulando o aluno a permanecer na escola, o que ocasiona outro problema: a evasão escolar. Um outro cenário comum é a migração pendular, onde ocorre o deslocamento – geralmente longo e desgastante - do aluno a uma escola na área urbana, que muitas vezes não está preparada para receber estudantes de uma realidade tão distinta dos seus colegas do meio urbano.

Além disso, a realidade do camponês continua bastante desafiadora, com a monocultura e a mecanização agrícola sendo estimuladas e financiadas por sucessivos governos como o modelo de agricultura "racional" e "moderno", enquanto o pequeno proprietário e a agricultura familiar ficaram em segundo plano.

Uma das iniciativas construídas a partir de organizações populares é a Escola Família Agrícola (EFA), que teve início no estado do Espírito Santo, nos anos 60. (MATTOS, 2010). Sua aplicação prática no meio rural, através da utilização da pedagogia da alternância como ferramenta pedagógica, busca inserir o estudante no ambiente escolar levando em consideração a realidade do lugar em que vive, que inclui atividades agrícolas desempenhadas no contexto da agricultura familiar, por exemplo. Mais adiante será feita uma descrição mais detalhada a respeito dessa pedagogia.

O despertar do meu interesse em realizar uma pesquisa acadêmica em uma Escola Família Agrícola nasceu a partir de leituras realizadas sobre a prática da agroecologia, ciência que está intrinsecamente ligada à prática agrícola desempenhada no campo pelas EFA's, desenvolvendo agroecossistemas com dependência mínima de agroquímicos e energia externa (ALTIERI, 1998). A agroecologia é um dos pilares do ensino aplicado na escola, constituindo importante ferramenta política frente a práticas danosas e, muitas vezes, improdutivas da agricultura tradicional. Além disso, questões políticas e sociais ligadas ao campo também me chamaram a atenção após eu planejar uma aula fictícia (estávamos durante o período de pandemia) a ser realizada Centro de Formação Frei Humberto, em Fortaleza, durante a disciplina de Biologia de Campo aplicada ao Ensino, do curso de Ciências Biológicas.

Então, em busca de um objetivo a ser trabalhado com as temáticas, a partir de leituras e reflexões críticas, surgiu uma inquietação em relação a nossa formação acadêmica enquanto alunos de licenciatura do curso de Ciências Biológicas, no que tange a qualificação de ensino que nos permita atuar em escolas camponesas. Observando o currículo do curso, e a partir da vivência enquanto aluno licenciando, quais alternativas o

curso de Ciências Biológicas encontraria para adequar sua matriz curricular, corroborando para essa formação mais específica de um professor de escola do campo?

A proposta trazida neste trabalho é a de contribuir para uma provável aproximação do curso de Ciências Biológicas da UFC com o ensino do campo – através do conhecimento da dinâmica desenvolvida nas Escolas Família Agrícola, enfoque principal da pesquisa. Tal aproximação dialoga com a valorização de saberes, memórias e práticas sociais do povo camponês, bem como seu contexto familiar e laboral.

Esse foi o ponto central do estudo, permeado pela própria necessidade de ampliação do debate acerca das Escolas Família Agrícola, inseridas em uma realidade particular àquela em que nós, estudantes, estamos habituados a vivenciar nas escolas em que realizamos as disciplinas de estágio.

2 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, portanto, desenvolvendo-se em uma situação natural, valorizando dados descritivos, além de focar a realidade de forma mais complexa e contextualizada. (LUDKE; ANDRÉ, 1986). O *locus* da pesquisa foi a Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé e a Associação Escola Família Agrícola Jaguaribana (AEFAJA), que a mantém. Na ocasião foram coletados dados descritivos a partir de conversas informais e gravação de entrevistas abertas com membros da associação, além de educandos e seus familiares. Os participantes da pesquisa assinaram termo de consentimento autorizando a gravação em áudio, bem como a utilização dos relatos neste trabalho.

Dentro de um estudo qualitativo, a pesquisa se enquadra em um estudo de caso, onde o pesquisador deve buscar sempre levar em conta o contexto o qual o objeto está inserido a fim de uma apreensão mais completa, aprofundando essa realidade ao utilizar uma variedade de fontes de informação (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

A compreensão do contexto político e social no qual estão inseridas as escolas camponesas é fundamental para que o pesquisador realize sua atividade confrontando dados, evidências e informações coletadas durante o trabalho. Considerando um estudo do campo de educação, é importante compreender que dentro desse vasto domínio a realidade não pode ser isolada em si, sendo necessário se atentar ao seu caráter dinâmico de fluidez (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Como ferramentas metodológicas complementares utilizou-se a pesquisa documental e exploratória, a partir da leitura de documentos pedagógicos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará, e dos documentos disponibilizados em campo pela EFA Jaguaribana.

A primeira etapa consistiu basicamente na definição do problema, bem como a escolha do local onde seria realizado o estudo. Também estão presentes nessa primeira fase as primeiras observações e anotações referentes ao problema, com finalidade de adquirir maior conhecimento sobre o objeto.

Na segunda etapa se aprofundou a busca pelos dados selecionados no início da pesquisa, em busca da compreensão e interpretação do caso estudado. Essa etapa culminou na ida até o município de Tabuleiro do Norte, na região do Vale do Jaguaribe, *locus* da pesquisa.

Por fim, na terceira etapa, foi o momento de aplicar conceitos teóricos, em busca de situar as descobertas e buscar competências que fossem consonantes com a aplicação de um ensino mais voltado para a educação básica no campo. Ocorreu a confrontação de evidências com as teorias existentes, além de desenvolvimento de relato baseado na trajetória acadêmica construída.

3 LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará, que concede o grau de Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas foi criado no ano de 1970. Constantemente realizam-se estudos diagnósticos buscando adequar a formação do Biólogo na Universidade às mudanças que ocorrem na sociedade. (UNIVERSIDADE..., 2005), tendo ocorrido a mais recente atualização da matriz curricular do curso no ano de 2014. A modalidade de licenciatura em Ciências Biológicas está dividida em oito semestres, totalizando no mínimo quatro anos de curso, e máximo de seis anos, com carga horária mínima de 3464 horas. (<https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf>). Essas horas contabilizadas representam 1856 horas/aula nas disciplinas do núcleo comum, 736 horas/aula nas disciplinas obrigatórias específicas, 192 horas/aula nas disciplinas optativas, além de 400 horas de estágios supervisionados em escolas do ensino Fundamental e Médio e 200 horas de atividades complementares. (UNIVERSIDADE..., 2005)

À parte o tronco comum entre as duas modalidades, têm-se as disciplinas obrigatórias ao aluno universitário licenciando. São elas: Instrumentalização para o ensino de ciências (III, IV e V); Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem na adolescência; Didática I; Fundamentos de Física; Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental (I e II); Estágio Supervisionado no Ensino Médio (I e II); Biologia de Campo aplicada ao ensino; Estrutura, Política e Gestão Educacional; Informática aplicada ao ensino de ciências; Língua Brasileira de Sinais; Estudos Sócio-históricos e culturais da educação.

As disciplinas de Instrumentalização correspondem à prática como componente curricular, onde ocorrerá a interdisciplinaridade dos conteúdos das disciplinas do núcleo comum, visando transpor o conhecimento adquirido para o ensino fundamental e médio. Os estágios supervisionados nas escolas buscam inserir os alunos na realidade escolar, totalizando uma carga horária total de 400 horas, sendo desenvolvidos nas escolas públicas de Educação Básica da Rede Municipal e Estadual de Ensino do Município de Fortaleza (UNIVERSIDADE..., 2005)

Minhas experiências nos estágios foram bastante distintas em cada nível. No ensino fundamental foi realizado em uma escola municipal de forma remota, através de aulas e tarefas enviadas via *whatsapp*, sem feedback dos alunos. Já no ensino médio as

atividades foram em escola estadual, e ocorreram de modo completamente presencial, permitindo uma vivência mais satisfatória, com troca de saberes e apreensão de sentimentos. As duas escolas localizam-se em Fortaleza.

4 PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

A origem da pedagogia da alternância remete às *Maisons Familiales Rurales* (MFR), ou Casas Familiares Rurais (CFR), nascidas na França nos anos 30 a partir de iniciativa de grupos de família de agricultores que buscavam uma formação adequada para seus filhos que ficavam no campo. Sobre as CFR, Jean-Claude Gimonet (2007), diretor do Centro Nacional Pedagógico das Casas Familiares Rurais em Chaingy, define:

Um gosto de liberdade e do fazer por si mesmo estimula as energias. Sabe-se por que se cria uma MFR, porque ela existe. Essa escola nova deve ser a da pequena região, não uma escola agrícola a mais, como as outras, mas uma escola para formar os agricultores e contribuir para o desenvolvimento do país. Uma escola que seja a sua e da qual assumem a gestão e todas as responsabilidades, agrupando-se em associação, uma forma jurídica que confere uma força e um poder. Uma escola para as famílias e os agricultores, e, além disto, para homens e mulheres da região. Deste modo, aquilo que estariam semeando ou plantando, através de um enraizamento profundo num território, teria alguma perenidade. Surge a consciência dos múltiplos serviços que esta ‘nova escola’ deve oferecer e dos papéis multidirecionais e interdependentes que deve desempenhar em relação aos adolescentes rurais, às famílias, à agricultura, à ruralidade e, de maneira mais ampla, em relação à educação e à sociedade. O discurso é amplo e possui grandeza (GIMONET, 2007).

A partir da iniciativa surgida em território francês, outras várias escolas de modelo agrícola, comunitário e associativo se espalharam pelo mundo. Segundo Mattos (2010), a chegada das EFA’s ao Brasil remonta aos anos de 1960, no estado do Espírito Santo, por iniciativa do padre italiano Humberto Pietrogrande que ficou sensibilizado com a situação precária que os moradores – muitos descendentes de italianos e alemães – viviam, regressando à Itália em busca de soluções: dessa ação surgem as primeiras EFA’s no Brasil.

Em um processo de desenvolvimento das MFR, vários caminhos foram inventados e traçados na medida em que tomava forma uma nova modalidade pedagógica: a Pedagogia da Alternância. Ela surge como

uma alternativa metodológica de formação profissional agrícola de nível técnico para jovens, inicialmente do sexo masculino, filhos de camponeses que perderam o interesse pelo ensino regular porque este se distanciava totalmente da vida e do trabalho camponês (RIBEIRO, 2008, p. 31).

Gimonet (2007) disserta a respeito de três principais correntes pedagógicas institucionais: a pedagogia tradicional, a pedagogia ativa e a pedagogia da complexidade. Na pedagogia tradicional há disciplinas justapostas, transmissão de conhecimentos onde o aluno é um sujeito passivo sujeito a horários fixos e repetitivos. O autor ressalta que, para cerca de 1/3 da comunidade discente, essa orientação pedagógica é satisfatória, enquanto os 2/3 restantes padecem das consequências do fracasso escolar.

Em oposição, a pedagogia ativa (ou escola nova) exacerba a autonomia da criança e do adolescente e sua especificidade em relação ao adulto. Nascida na França no início do século XX, possui métodos ativos e de apropriação, conduzindo o aluno na busca do saber. A sala de aula se assemelha a uma oficina, rejeitando o estilo de aula expositivo clássico em detrimento de exposições, trabalho pessoal, atividades de concentração e diversão.

Já a pedagogia da complexidade (ou pedagogia centrada na realidade), segundo traz o autor Gimonet (2007) é a corrente na qual se situa a pedagogia da alternância. Essa corrente considera como formação e educação todos os componentes da vida da pessoa - e da comunidade - e da instituição escolar. A palavra "complexidade", utilizada na definição da corrente, foi utilizada por Gimonet (2007) a partir da definição de Edgar Morin, intelectual francês.

um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados (como numa tapeçaria). O mundo é um tecido de acontecimentos, de ações, de interações, retroações, determinações, acasos, incertezas e contradições... Supõe articular, distinguir sem separar, associar sem reduzir. Coloca o paradoxo do um e do múltiplo, mas, também, que o todo é mais que a soma das partes. E, ainda, que se misturem a ordem, a desordem e a organização como em qualquer sistema vivo (MORIN, 1990 apud GIMONET, 2007, p. 111)

O resgate do termo envolve a amplitude que a corrente pedagógica carrega, compreendendo que os desafios que a realidade da vida traz, extrapolando os limites da escola, da sala de aula, por mais que se aplique ferramentas de ensino diversificadas. O

método básico da pedagogia da alternância é a intercalação entre o tempo de aprendizado na escola, em um verdadeiro internato – a quantidade de dias varia de acordo com cada instituição -, e o tempo vivido com sua família, na sua comunidade, aplicando os conhecimentos técnicos – e pessoais, aprendidos durante o período na escola.

Além disso, ao ser aplicado nas EFA's, a pedagogia da alternância representa um compromisso político de rejeitar a discriminação do homem do campo e da cultura do campo, envolvendo seus principais sujeitos educadores: a família, a escola e o território (BEGNAMI; BURGHGRAVE, 2013, p. 101), construindo ferramentas que colaboram para sua autonomia e vida produtiva no campo.

O educando desenvolve um ganho de autonomia pois é ele próprio o ator de sua formação. O que ele aprende fora do ambiente escolar lhe permite compartilhar um aprendizado não possuído tanto por seus colegas, quanto pelos educadores. É construída uma teia de saberes que envolve educando-comunidade-educador, sendo fundamental em toda Pedagogia da Alternância uma iniciativa cooperativa, uma partilha do poder educativo (GIMONET, 2007).

A implantação da alternância demonstrou imediatamente a necessidade de uma atividade e de um instrumento pedagógico específicos para, de um lado, permitir, aos filhos e filhas de agricultores da época, a observação e a análise direta da prática agrícola de sua roça aos pais de colaborarem na formação de seus filhos, trazendo sua experiência e seu saber-fazer; de outro lado, estabelecer um elo orgânico entre a experiência da profissão, da vida familiar e social na qual se insere o jovem adolescente e o período escolar.

A ESCOLA

As Escolas Família Agrícola são escolas de nível médio que atendem jovens e adultos no meio rural, oferecendo formação técnica. No estado do Ceará os alunos se formam técnicos em Agropecuária, com ênfase em agroecologia e convivência com o semiárido. Atualmente, o estado conta com cinco EFA's ativas. São elas: EFA Ibiapaba Chico Antônio Bié (Tianguá), EFA Pe. Eliésio dos Santos (Ipueiras), EFA Dom Fragoso (Independência), EFA Danilo Almeida (Quixeramobim) e a EFA Jaguaribana Zé Maria Tomé (Tabuleiro do Norte) (<https://efajaguaribana.org.br/efas-no-ceara>), objeto deste estudo.

Tecnicamente, as EFA's estão enquadradas na categoria de escola profissionalizante, segundo relato de Helena (nome fictício), informante do estudo:

[...] a EFA é uma escola profissionalizante, então pra SEDUC ela é uma escola profissionalizante, como a escola profissionalizante que forma para outros cursos médios. Só que nós somos com especificidade em agropecuária, e a vocação agroecológica, então tem esse diferencial prático.

Para construir esse trabalho foi realizada uma visita à EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé, no município de Tabuleiro do Norte. Na verdade, por mais paradoxal que pareça, o espaço físico onde a escola funciona não era o mais importante. Falar em EFA significa se referir a uma teia de iniciativas e atores que tornam possível a sua existência. Durante a visita em campo, conversei formal e informalmente com Arthur, coordenador executivo e pedagógico; Márcia, responsável técnica e coordenadora pedagógica; Helena, coordenadora pedagógica e educadora; Maria, colaboradora da associação; e Brayan e Tereza, educandos da EFA Jaguaribana. Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios a fim de preservar a identidade dos participantes.

O surgimento da EFA Jaguaribana está ligado diretamente a EFA Dom Frágoso, localizada no município de Independência. Segundo dados coletados na pesquisa, conforme nos contou Arthur (nome fictício), a iniciativa surgiu na realização de um congresso:

Em 2015, nós realizamos o nosso Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra em Porto Velho, e aí, nesse congresso, uma das prioridades defendidas foi a formação da Juventude Camponesa. Então, quando eu retornei para cá, eu já vinha com essa ideia de fomentar a criação de uma EFA aqui na região. E aí, em 2016, a gente começou a juntar gente para depois começar a juntar dinheiro, né? Ou seja, professores, organizações sociais aqui da região, associações comunitárias, agricultoras e agricultores, lideranças comunitárias e a gente foi apresentando o projeto da EFA muito a partir da experiência da EFA Dom Frágoso que a gente já tinha trabalhado. Então fui apresentando o que é uma EFA, qual a metodologia, o que é a pedagogia da alternância... E aí a gente começou a juntar pessoas e formar grupos, então a gente começou a criar uma equipe de comunicação que começou a fazer a divulgação desse processo, a pensar os materiais. Aí começamos a constituir uma equipe pedagógica, que foi trabalhando na elaboração dos documentos gerenciais com o projeto político pedagógico, o plano de curso... Né? E aí a

gente foi juntando pessoas, conversando, visitando, todo o espaço que a gente ia aqui na região a gente falava da EFA.

O passo seguinte a ser dado seria a criação de uma associação que mantivesse a escola, como ocorre nas outras EFA's do Ceará. As associações são o esteio de uma EFA, mobilizando recursos e podendo realizar atividades dentro da própria escola, ou paralelamente. Conforme relatado por Arthur, a associação que mantém a EFA Jaguaribana foi trazida do município de Tauá, local onde havia um plano antigo do governo do estado para construir uma EFA

Foi então que em uma das reuniões da CPT do Ceará, a gente soube que em Tauá tinha uma associação que era pra ser de uma EFA, porque o estado [SEDUC], um tempo atrás, lançou um projeto de construir cinco EFA's, só que não foi para frente todas elas.

A facilidade em trazer a associação de Tauá foi a celeridade no acesso a pequenos recursos, já que havia passado o período de carência.

É, inclusive, uma associação com um período de carência já vencido, né? Porque ela foi criada em 2008, a associação, essa associação que existia, né? E aí, quando você cria uma associação nova, geralmente você passa 1, 2 ou 3 anos para poder acessar recursos, a depender da fonte, né? Às vezes para acessar recurso do município você tem que ter pelo menos um ano de constituição. Do estado é 2, no federal é 3. Então a gente já começou a acessar alguns recursos pequenos porque essa associação foi criada em 2008, então já não tinha mais o período de carência. Então, a partir de 2017, a gente passa a atuar a partir de uma associação própria, né?

A partir dessa incorporação da associação ao município de Tabuleiro do Norte, sua atuação foi ampliada. Hoje a casa conta com projetos que buscam fortalecer não somente a EFA Jaguaribana, mas toda a população da região do Jaguaribe, abrangendo os municípios vizinhos.

Geralmente uma associação EFA, ela mantém a EFA em si, aqui a gente entendeu que seria interessante a gente executar outros projetos. Manter o nome de Associação Escola Família Agrícola porque isso era interessante, inclusive pra ajudar a mobilizar recursos para a escola, mas não ter só a EFA

como projeto. A gente trabalhar com outros projetos de agroecologia e convivência com o semiárido. É, então, tudo isso está nos objetivos da Associação, é tanto que hoje a gente executa o Projeto de Sementes, que são casas de sementes crioulas em 9 municípios aqui da região, desde o litoral até o sertão, aqui, Potiretama. São 16 Casas de Semente que a gente está construindo, então temos um outro projeto que é o da Assistência Técnica e Extensão Rural com assentamentos da reforma agrária aqui em Tabuleiro. Nós tínhamos uma escola de música que funcionava aqui perto, aqui na comunidade, mas que com a pandemia a gente teve que fechar, [...] mas é um projeto nosso, e a gente que vem desenvolvendo outros projetos com agricultores e agricultoras aqui na região. Estamos agora construindo um projeto para produção de algodão em consórcios agroecológicos. Então, para dizer, a EFA é um projeto, ela não é o único da associação, mas ao mesmo tempo a gente conecta os demais projetos com a EFA, e a EFA com os demais projetos, né? Então nós temos uma associação com uma atuação mais ampla, certo?

Figura 1 - Maria em frente à Casa de Sementes.



Fonte: autor

Na imagem acima, Maria (nome fictício), colaboradora da associação, abre a casa de sementes para apresentação. O projeto está localizado no município de Potiretama, na comunidade Catingueirinha, próximo à casa de Maria. Abaixo, a antiga escola municipal que abrigará a escola de música Sons da Terra, bem como laboratório de informática, além de eventos e reuniões diversas.

Figura 1 – EPG José Felipe da Costa Gadelha

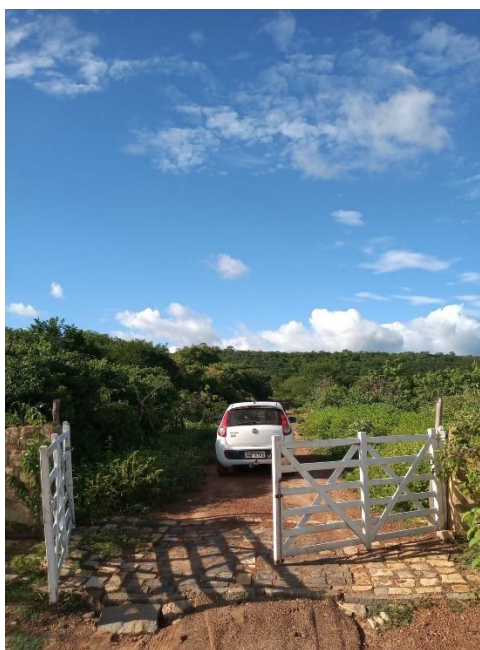


Fonte: autor

As atividades da EFA Jaguaribana começaram no início de 2018, em um espaço físico recém-doador por um ambientalista. O trecho doado, localizado na comunidade Olho D'água dos Currais, abrange uma antiga casa que foi reformada para as atividades escolares. A área é também um Parque Ecológico. A sede da escola permaneceu até o presente ano de 2022, aguardando transferência no ano de 2023.

O novo espaço está sendo reformado e está localizado na comunidade de Currais de Cima. Existe uma planta baixa do projeto, que conta com uma estrutura muito mais completa do que a atual sede da escola, mas que, por limitações financeiras, não sairá do papel por enquanto. Neste momento serão construídas algumas estruturas básicas para tornar possível iniciar o próximo ano letivo, em fevereiro, já na nova sede.

Figura 3 - Entrada do Parque Ecológico dos Currais.



Fonte: autor

Figura 4 - Visão geral da escola, em sua atual sede.



Fonte: autor

Figura 5 - Sala de aula principal da escola.



Fonte: autor

Figura 2 - Terreno onde será instalada a nova sede da escola



Fonte: Autor

A forma de ingresso na EFA Jaguaribana ainda é tão criteriosa como é observado em outras EFA's mais antigas, onde a demanda por admissão é maior. Helena, outra informante da pesquisa, comenta:

Lá [na EFA Dom Fragoso] é um sistema bem rigoroso, o aluno tem que ser indicado, o pai tem que ir com ele, a mãe também, provar que é agricultor... Porque lá já é [...] mais gente que procura, né?! Aqui não, que a gente tá começando, a gente tem mais liberdade de não ter essa coisa de entrevista... Nós não precisamos disso, porque nós temos poucos alunos ainda.

Os períodos de atividades na escola foram curtos - devido a pandemia - e bastante desafiadores. As EFA's, diferente das escolas do MST, são filantrópicas e não possuem apoio financeiro do estado, conforme relatou Helena.

Primeira diferença: MST cumpre sua missão de tornar pública a escola do campo, né!? Essa é a grande missão do MST, que a educação do campo seja pública, gratuita e de qualidade e referenciado na reforma agrária. [...] Já a EFA, ela nasce com a direção, com o pensamento menorzinho, que é formar o aluno para ser camponês e permanecer na sua família, mas não tem essa dimensão de assentamento, pode ser qualquer comunidade rural. [...] Mas a EFA tem uma vocação mais pra trabalhar com aquelas famílias que são mais deixadas de lado, que são vinculadas ao sindicato dos trabalhadores rurais e não necessariamente estão no movimento social. É claro que quando elas estão no movimento elas ajudam mais, né?! [...] Aí o MST tem sua autonomia, junto com a SEDUC que eles discutem junto com o currículo, também não é fácil. É uma disputa também de currículo, né!? Mas... É a luta de ocupação da escola que o MST trava. Aqui não, a CPT abraçou as EFA's, quis ampliar as EFA's no Ceará, a Comissão Pastoral da Terra, nasce desse vínculo católico cristão. Não só católico, mas cristão, e abraça também pessoas de todas as fés, de todas as religiões e tudo, mas ela tem uma vocação, sim, que vem, que nasce da Comissão Pastoral da Terra nas escolas camponesas que existiam antes das escolas populares... É uma pedagogia, é uma metodologia diferente, certo? Aí, hoje no MST eles estão com a formação política muito acirrada, né, por conta dessa questão maior da reforma agrária. Já na EFA a gente sabe que contribui para a discussão da reforma agrária, mas não é central lá, não, sabe?! É uma discussão mais suave, digamos assim.

Dada essa ressalva, compreende-se o tamanho do desafio que existe em manter uma EFA em funcionamento. Prossegue Helena:

Até hoje nós estamos com as duas turmas, praticamente no mesmo patamar de formação para concluir esse ano, né? Então foi uma experiência bem

desafiadora por falta de recursos, por se manter totalmente no voluntariado, por não ter uma condição adequada de funcionamento, mas a maioria das EFA's que nascem a partir da organização dos agricultores e agricultoras, como é a nossa, nasce dessa forma. [...] Aqui a gente não teve a condição de construir toda uma estrutura, entende?! A gente vem a construindo a nossa experiência e, aos poucos, tentando avançar. Em outubro do ano passado foi aprovado a lei de apoio técnico/financeiro às EFA's, a lei estadual, que é uma lei que a gente já vinha discutindo ela há mais de 2 anos, foi uma proposição a partir da nossa articulação das EFA's, mas apresentada pelo Moisés Braz, deputado, e Camilo sancionou a lei em outubro, né? E em dezembro, a gente conseguiu credenciar a escola no conselho estadual de educação. Depois de um processo de vitória assim e tal. Então, embora hoje a gente tenha uma lei de apoio técnico e financeiro às EFA's e a gente tenha o credenciamento no conselho estadual de educação, essas duas situações não se reverteram ainda em apoio concreto pra EFA. Então a lei precisa ser regulamentada, tem que ser criado um programa...

À parte as dificuldades financeiras e o apoio político ausente, as questões inerentes à vida do povo camponês se ressaltam no dia a dia escolar. Durante o período da pandemia houve um prejuízo à formação dos alunos devido ao isolamento social, sobretudo em uma escola onde se pratica a pedagogia da alternância, onde há um confinamento de turmas em períodos alternados. Conforme relatou Arthur, isso acabou atrasando a formação da primeira turma da recente trajetória da EFA Jaguaribana. Durante minha visita à região, participei de uma visita pedagógica a uma família de educandos cujo objetivo era manter os vínculos do educando – e da família – com a escola, retomando rapidamente conceitos e ideias difundidas nas aulas. Sobre esse período, Helena relata:

Então, nesse período que eu estou aqui na pandemia, a gente ficou fazendo acompanhamento dos estudantes e tomou a decisão política e pedagógica de não deixá-los totalmente soltos, mesmo que eles não conseguissem cumprir com as disciplinas, que a gente começasse a trabalhar o Projeto de Vida da Família Camponesa. E aí o terceiro ano já estava precisando disso, perdeu muito tempo na pandemia, não teve como eles realizarem os estágios e nem continuar com as disciplinas e aí a gente usou isso como uma estratégia de ficar perto das famílias perto deles.

Figura 3 - Educadora Helena conversando com a família.



Fonte: autor

Durante essa visita, ao chegarmos na casa dos educandos, chamou atenção a quantidade de feijão espalhado no chão, secando no sol, esperando para ser debulhado. A família estava aguardando um trator chegar com o debulhador. Nesse período, até chegar o maquinário, o tempo nublado surgiu ameaçando chuva, despertando incômodo na família por medo de perder toda a colheita. Após a chegada da máquina agrícola ocorreu intensa mobilização para realizar o trabalho, demonstrando grande habilidade no manejo. Quem mais trabalhou foi Brayan, irmão de Tereza, também aluno da EFA Jaguaribana. Aquilo retratou bem uma das inúmeras atividades que famílias rurais desempenham no seu cotidiano, tendo um simbolismo forte.

Figura 4 - Brayan recolhendo feijão para debulha.



Fonte: autor

Em relação ao certificado de conclusão obtido pelo aluno concludente, a EFA Dom Fragoso, citada anteriormente, vem à cena outra vez. Segundo relato do informante, as primeiras turmas da EFA Jaguaribana serão certificadas pela escola de Independência.

Nós não tivemos nenhuma turma formada ainda, nós vamos ter esse ano, mas a perspectiva era de que a EFA Dom Fragoso certificasse também os nossos educandos, como aconteceu com a EFA Ibiapaba. (...) Então a gente tá enviando as informações que a EFA Dom Fragoso tá solicitando, a documentação, como notas, enfim, né?! Mas a partir da próxima turma, nós já iremos certificar os nossos próprios educandos e educandas.

Inclusive, essa prática de uma EFA certificar outra, é prática inerente ao curso de desenvolvimento, segundo relato de Helena:

Mesmo sem reconhecimento, a própria EFA [Dom Fragoso], por exemplo, começou em 2002, mas o reconhecimento foi em 2012. Funcionou 10 anos sem

ser, sem ter o registro oficial, mas ela se aliou a outra escola pública, que certificava os estudantes quando se formava. Então, toda escola tem essa transição.

Um ponto importante a respeito das EFA's é, também, uma das motivações para meu estudo: os educadores que atuam na escola. O corpo docente da EFA Jaguaribana – e das outras EFA's - é voluntário e não chega na escola formado para atuar na pedagogia da alternância. Ao contrário, acaba aprendendo a metodologia durante seu trabalho.

Desde o início da EFA a gente teve vários educadores voluntários, gente que assumiu por 6 meses, gente que assumiu por 1 ano, então várias pessoas já passaram por nós. E por serem educadores voluntários, essa rotatividade ela é bem presente porque as pessoas não conseguem voluntariamente se comprometer por um longo período, por exemplo. Então a maioria dos educadores e educadoras da EFA que passaram, que tão contribuindo, passam por essa rotatividade. Agora, nós tivemos e temos ainda educadores que chegaram na EFA com uma experiência já de educação do campo e nós tivemos outros sem experiência em educação do campo, ou pedagogia da alternância. Nós temos, inclusive, técnicos que assumem disciplinas, por exemplo, o curso técnico em agropecuária, que nunca foram professores ou que não conheciam a pedagogia da alternância, mas pela necessidade acabaram assumindo disciplinas. Então, vão aprendendo a medida que as coisas vão acontecendo, as aulas vão acontecendo, a escola vai funcionando, então a medida que os educandos e educandas aprendem, os educadores também aprendem: o que é a pedagogia da alternância, o que é uma educação contextualizada, como contextualizar uma disciplina, uma metodologia... Em alguns momentos a gente sempre teve dificuldade de fazer momentos de formação com os educadores porque por serem voluntários é sempre difícil a gente reunir os educadores, né, porque os tempos são diferentes. Mas a experiência inicial da EFA, e não é só nossa, de todas as EFAS que nascem de base comunitária, é que os educadores e educadoras vão aprendendo também no caminho sobre educação no campo e pedagogia da alternância.

No âmbito dessa discussão, manifesta-se o questionamento de como a universidade poderia contribuir para aproximar os estudantes da pedagogia da alternância e, por consequência, da educação do campo, especificamente as Escolas Família Agrícola. Conforme relatado por Helena, na academia não há uma formação direcionada para esse tipo de pedagogia – e pouca aproximação com a educação no campo.

Nós [educadores] não estamos formados para atuar na pedagogia da alternância, até porque nossas licenciaturas não trabalham dessa forma. E a gente só se forma com uma boa teoria e com uma boa prática. Então na universidade realmente não existe um curso para isso. Já existem cursos que as próprias EFA's estão fazendo pelo Brasil afora que fazem acontecer esse tipo de coisa, especializações para professores da EFA as próprias EFA's estão se preocupando com sua formação interna. Então na EFA Jaguaribana aqui, a gente tá se formando em serviço, em serviço mesmo, literalmente, né?

A partir da consciência de ausência de orientações direcionadas ao ensino específico da pedagogia da alternância e da própria educação do campo no curso de graduação em licenciatura, o que se pode buscar? Conheci a Escola Família Agrícola a partir de estudos individuais, longe da sala de aula. Cientes das potencialidades que a matriz curricular do curso oferece – conforme exposto no início desse trabalho, há caminhos a seguir.

- Promover atividades extracurriculares que pudessem discutir questões ligadas ao campo como a reforma agrária, desmatamento e poluição hídrica. Criação de palestras, grupos de estudo, oficinas de forma a atrair a atenção dos alunos, favorecendo uma visão multidisciplinar do tema (sociologia, geografia, biologia...).
- Explorar a disciplina de “Biologia de Campo aplicada ao Ensino” em proporcionar ao aluno uma vivência em comunidade rural, experienciando o cotidiano escolar. Seria a oportunidade do licenciando conhecer uma experiência na docência fora dos limites normalmente demarcados.
- Ofertar a disciplina optativa de Agroecologia no curso de Ciências Biológicas da UFC, já existente no curso de Agronomia. A agroecologia é o cerne do ensino desenvolvido na EFA, pautado em seus princípios, e debater agroecologia é também discutir sobre pequenas propriedades rurais e apoiar a agricultura familiar camponesa.
- Ofertar a disciplina optativa de zoologia agrícola, com enfoque específico para grupos animais com interesse agrônômico e socioeconômico. Buscando uma abordagem favorável a aplicação da agroecologia e técnicas de manejo com menor impacto ambiental, embasando o conhecimento dos alunos em atividades técnicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa, para mim, representou abrir portas para uma nova realidade do contexto educacional, bem como novas possibilidades de atuação. Refletir a respeito da formação acadêmica e buscar trazer novas perspectivas para a formação na licenciatura foi um exercício animador e oportuno, onde acabei rememorando os percursos vividos na universidade.

Espero que a partir da discussão da realidade camponesa - e descrição da escola e sua metodologia, este trabalho deixe um pequeno legado de como a academia pode, e deve, se aproximar da educação do campo e valorizar as comunidades rurais e suas organizações de resistência.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998.

BEGNANI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de (org.). **Pedagogia da alternância e Sustentabilidade**. Orizona (GO): UNEFAB, 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. São Paulo: Vozes, 2007.

MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de. **Educação do campo e práticas educativas de convivência com o semiárido**: a Escola Família Agrícola Dom Fragoso. 2010. 247f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2010.

RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. **Educ. Pesqui.**, n. 34, v. 1, abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/KMVyDjXDzMxS4FmpdR7tS6M/?lang=pt>. Acesso em: 29 maio 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Projeto Político Pedagógico de Graduação em Ciências Biológicas**. Fortaleza: UFC, 2005